



INSTITUTO POLITÉCNICO
DE VIANA DO CASTELO

Ana Cláudia Vilas Boas Santos

QUESTÕES DE GÉNERO NA ESCOLHA DAS ÁREAS DE SALA DO JARDIM DE INFÂNCIA

A Construção da identidade de género das crianças de idades mais jovens do
ponto de vista social

Curso de Mestrado em Educação Pré-Escolar

Relatório Final da Prática de Ensino Supervisionada II efectuado sob a orientação
do
Professor Gonçalo Nuno Ramos Maia Marques

Julho de 2011

Agradecimentos

Este espaço é dedicado a todos aqueles que me apoiaram e deram o seu contributo para que este trabalho de investigação fosse consumado. A todos eles deixo aqui o meu leal agradecimento.

Em primeiro lugar quero agradecer ao Professor Gonçalo Maia Marques, pela forma como me orientou e se disponibilizou para trabalhar comigo. Todas as indicações e sugestões que me deu, foram de grande utilidade. Agradeço ainda a forma como sempre me recebeu e todo o trabalho de acompanhamento desempenhado. Estou certa de que tudo isto foi muito marcante para a minha formação e desenvolvimento pessoal. A minha sincera gratidão.

Em segundo lugar, devo agradecer à Directora de Curso, a Professora Doutora Ana Peixoto, pela organização do curso, pelo apoio incondicional e por todos os esclarecimentos fidedignos. O meu muito obrigado.

Gostaria ainda de agradecer à Educadora Branca Afonso, por toda a orientação e coordenação na prática. Agradeço por todas as aprendizagens e experiência que me pôde transmitir, assim como por me ter proporcionado o formoso trabalho com o grupo que se encontrava exclusivamente a seu cuidado.

Deixo também uma palavra de agradecimento ao meu par de estágio, a minha colega de curso Cláudia Teixeira, pelo apoio em algumas tarefas, principalmente pelos registos fotográficos e audiovisuais que foi recolhendo.

Resumo

O objectivo deste estudo consiste em investigar em que moldes as escolhas das áreas da sala de actividade podem ser influenciadas pelas questões de género que as crianças, em idade pré-escolar, adquirem na sociedade.

A metodologia utilizada passa pelo método indutivo, apoiado na observação das crianças e na implementação de actividades que permitiram uma recolha de dados susceptível de retirar conclusões.

Toda a investigação assenta num grupo de crianças de três anos de idade, que frequentam pela primeira vez o Jardim de Infância e que, por isso, estabelecem os primeiros contactos sociais com adultos e com os pares.

Os resultados da análise de dados recolhidos permitem responder à questão *“Será que as ideias de género que as crianças trazem do meio em que vivem, influenciam os seus comportamentos na escolha das áreas da sala?”*. De entre as conclusões obtidas, destaca-se a capacidade que todas as crianças têm para se adaptarem, de forma análoga, a todas as áreas, quer sejam meninos ou meninas. De um modo mais objectivo, pode concluir-se que, na maioria dos casos, as crianças trazem vivências do seu quotidiano familiar para as actividades do Jardim de Infância e isso reflecte-se nos seus comportamentos. Contudo, verifica-se uma aproximação entre ambos os sexos.

Julho de 2011

Abstract

The aim of this study is to investigate how the choices of the classroom activity areas may be influenced by gender issues that children in preschool acquire in society.

The methodology used is the inductive method, supported by observation of children and implementation of activities that allow the collection of data, likely to draw conclusions.

All research is based on a group of children from age three, children attending the first kindergarten and thus establish the first social contacts with adults and with peers.

The results of analysis of data collected lead to an answer to the question *Does gender ideas that children bring from their familiar environment influence their behavior in the selection of the classroom activity areas?* Among the conclusions reached, stands out the ability that all children have to adapt in a similar manner to all areas, whether they are boys or girls. On a more objective way, I conclude that, in most cases, children bring experiences of their familiar environment for the kindergarten activities and this is reflected in their behavior towards certain situations. However, there is an increasing equality between the sexes.

July of 2011

Índice

Resumo	3
Abstract	4
Capítulo I.....	8
Enquadramento do estudo	9
Capítulo II.....	11
Fundamentação teórica	12
Conceito de Género	12
Desenvolvimento da identidade de género na Psicologia	13
Factores que influenciam o desenvolvimento do Género em Psicologia: Natureza e Meio ...	18
Diferença entre Género e Sexo	20
Diferenças entre homens e mulheres – Resenha Histórica	21
Desenvolvimento da identidade de género no contexto educativo.....	24
Capítulo III.....	26
Metodologia	27
Capítulo IV	29
Análise e interpretação dos dados.....	30
Observação das crianças nas áreas da sala de actividade	30
Caracterização do perfil de cada criança	34
Actividades implementadas no âmbito da investigação.....	40
Capítulo V	44
Conclusões da investigação.....	45
Referências bibliográficas.....	47
Anexos	49

Lista de gráficos

Gráfico 1. Preferências das crianças pelas áreas da sala de actividade..... 30

Gráfico 2. Escolhas das crianças pelas áreas da sala de actividade, consoante o sexo. 32

Lista de imagens

- Imagem 1.** Resultado do preenchimento da tabela *Quem sou eu?*..... 41
- Imagem 2.** Registo fotográfico de um casal a realizar a actividade *Eu ajudo nas tarefas!* 42
- Imagem 3.** Registo fotográfico do início da realização da tarefa *Eu conheço-me!*..... 43
- Imagem 4.** Registo fotográfico do final da realização da tarefa *Eu conheço-me!* 43

Capítulo I

Enquadramento do estudo

Enquadramento do estudo

O presente trabalho pretende abordar as questões de género existentes na escolha das áreas da sala do Jardim de Infância, tendo por base uma perspectiva sócio-antropológica que se vai adquirindo, naturalmente, ao longo do desenvolvimento do ser humano.

A temática deste trabalho é *“A construção da identidade de género das crianças de idades mais jovens do ponto de vista social”*, tendo como população em estudo de caso um Jardim de Infância. De entre a amostra, destacam-se as crianças da sala dos três anos de idade. Esta sala é frequentada por quinze crianças: sete do sexo feminino e oito do sexo masculino, todas elas nascidas em alturas próximas umas das outras.

A escolha do tema prende-se com a ideia de que, ainda hoje, se verificam, no dia-a-dia, situações em que as mulheres ficam em casa a cuidar dos filhos e das tarefas domésticas, enquanto os homens se dedicam ao trabalho fora de casa. Já no Jardim de Infância, muitas vezes, observa-se as crianças do sexo masculino a explorar, por exemplo, a *Área de jogos e construções* e as crianças do sexo feminino a explorar, por exemplo, a *Área do Faz de Conta* (casinha). Posto isto, com este trabalho, pretendo dar resposta à questão *Será que as ideias de género que as crianças trazem do meio em que vivem, influenciam os seus comportamentos na escolha das áreas da sala?*

Para começar, pretendo apresentar uma pequena definição daquilo que é o conceito de género, quer do ponto de vista sociológico, quer do ponto de vista psicológico.

De seguida, responderei à questão das diferenças cognitivas entre rapazes e raparigas na actualidade e nos tempos mais remotos, procurando definir o papel que está reservado aos rapazes e a imagem que surge em torno das meninas.

No campo da psicologia, farei uma breve abordagem à Teoria Psicanalítica de Freud, à Teoria da Aprendizagem de Bandura, à Teoria Cognitivo-desenvolvimental de Kohlberg e à Teoria do Esquema de Género de Bem.

O trabalho irá incidir sobre as práticas do Jardim de Infância, pelo que pretendo apresentar um pequeno estudo de observação que mostre algumas das escolhas mais frequentes de rapazes e raparigas de três anos de idade (idade em que se iniciam na Educação Pré-escolar). Ao longo deste estudo, irei sempre tentar perceber as razões subjacentes à escolha da área por parte da criança. Por fim, pretendo interagir com as crianças, no sentido de lhes propor actividades que as ajudem a tomar atitudes concretas perante um problema ou situação relacionada com o tema do trabalho.

Capítulo II

Fundamentação teórica

Fundamentação teórica

Conceito de Género

Do ponto de vista sociológico

Existem várias formas de definir o conceito de género. Uma primeira definição pode ser encontrada de um ponto de vista linguístico, em que a palavra género é utilizada para definir palavras femininas e masculinas. A ligação à categoria gramatical é simultaneamente explícita e cheia de possibilidades implícitas, inexploráveis. Ela é explícita porque o uso gramatical envolve regras formais que resultam da designação do masculino e feminino. Todas as dicotomias geram hierarquia por isso, deve-se excluir qualquer termo dicotómico. A língua classifica o mundo, estabelece uma bipartição entre nomes masculinos e nomes femininos. Gramaticalmente, o género é uma forma de classificação dos fenómenos: mais uma invenção social sobre um sistema de distinções do que uma descrição objectiva de traços inerentes.

Uma segunda definição, numa perspectiva histórico-política, aparece associada às noções de classe e às noções de raça. O género veio criar uma terceira forma de distinção social.

Uma outra definição de género divide-se em diferentes elementos:

- O elemento simbólico, onde a questão de género envolve os símbolos disponíveis numa determinada sociedade ou cultura.
- Conceitos normativos que avançam as interpretações dos sentidos dos símbolos, tentando limitar e conter as suas possibilidades metafóricas. Estes conceitos são expressos pelas doutrinas religiosas, políticas, culturais, científicas, educativas, e mantêm tipicamente a forma de oposições binárias fixas que estabelecem de forma categórica os significados de homem, mulher, masculino e feminino.
- A análise destes quadros normativos implica necessariamente uma referência às instituições e organizações sociais (educativas). O género não é unicamente uma questão

de parentesco (casa, família como base da organização social). Na nossa sociedade temos também o peso do mercado de trabalho, o sistema educativo e político.

- A identidade subjectiva do género: precisamos de examinar as formas como as identidades de género são efectivamente construídas e vividas pela sociedade e por cada um em particular.

Neste sentido, podemos concluir que o género é também uma forma de demonstração das relações de poder. O género é o primeiro domínio com o qual ou através do qual o poder se articula. Não é seguramente o único domínio mas parece ter sido a forma persistente e recorrente de tornar eficaz o significado de poder no Ocidente, tanto na tradição judaico-cristã como na islâmica.

Do ponto de vista da Psicologia

Significado de ser do sexo masculino ou feminino. A identidade de Género, ou a consciência do seu próprio género e de tudo o que nele está implicado, é um aspecto importante no desenvolvimento do auto-conceito no período pré-escolar.

Desenvolvimento da identidade de género na Psicologia

Porque é que as diferenças cognitivas e de personalidade entre rapazes e raparigas aumentam com a idade?

A resposta está relacionada com a identidade de género: os papéis sexuais e a tipificação de género. Os papéis sexuais são os comportamentos, interesses, atitudes, competências e traços que a cultura considera apropriados para o sexo masculino e para o sexo feminino. Do ponto de vista Histórico-Cultural era esperado que as Mulheres dedicassem a maior parte do seu tempo a tomar conta da casa e das crianças, enquanto os Homens eram responsáveis pelo sustento e protecção. As Mulheres eram obedientes e carinhosas

e os Homens eram activos, agressivos e competitivos. Actualmente, nas culturas Ocidentais os papéis têm-se tornando mais diversos e flexíveis.

Ao processo de socialização através do qual as crianças, numa idade precoce, aprendem o comportamento considerado apropriado pela cultura para o rapaz e para a rapariga, chamamos tipificação do género. Os estereótipos sexuais são generalizações exageradas acerca dos comportamentos característicos masculinos e femininos. Estas podem afectar tanto as tarefas quotidianas mais simples, como as tarefas de maior alcance. As crianças que absorvem estes estereótipos podem tornar-se Homens com “mãos de aranha” quando se trata de dar um biberão a um bebé ou Mulheres que não conseguem pregar um prego.

Do ponto de vista sociológico

Judith Butler escreveu vários livros, entre eles está *Gender Trouble* (1990). As suas ideias vieram perturbar as ideias fixas e tradicionais que se tinham sobre a questão de género. Para Judith Butler, o género não é uma substância mas performance, isto é, não exprime qualquer coisa que pré-existe, devendo por isso ser encarado como uma variável fluida que muda de acordo com os diferentes contextos em diferentes tempos. O discurso sobre a identidade do género é intrínseco às ficções de coerência heterossexual e ao racismo feminista. «Não se nasce mulher, antes torna-se mulher» O género é uma construção corporal. Assim, o verbo tornar-se exprime duas possibilidades: a de nos construirmos a nós mesmos: temos assim a possibilidade de escolha (temos a escolha de sermos outra coisa além daquilo que a natureza nos dá); esta escolha dá-se numa situação em que o contexto constrói cultural e socialmente o género (somos limitados pelo contexto em que nos situamos – família, escola, estado e legislação).

A escolha passa a significar um processo corporal de interpretação dentro de uma rede de normas culturais profundamente estabelecidas. Neste sentido, o corpo é para Butler um lugar cultural de significados de género e por isso deixa de ser claro quais são os aspectos desse corpo que são naturais e quais são construídos de marca cultural. (A forma como se veste, como se sente, fisicamente falando é em si um reflexo das normas

do contexto cultural em que se vive). O género é uma forma actual de organizar as normas culturais passadas e futuras, é uma forma de se situar, é um estilo activo de viver o próprio corpo no mundo.

Beauvoir e Wittig sugerem uma teoria que consiste na conversão do género no *locus* corporal de significados culturais quer recebidos, quer mais recentes. Assim, a "escolha" passa por um processo corporal de interpretação de normas culturais previamente estabelecidas.

Beauvoir defende a translação do corpo natural ao corpo aculturado, como sendo o conhecimento do corpo a primeira etapa da vida de uma criança e só depois o conhecimento do seu género.

O género não foi criado em nenhum momento do tempo e, por isso, a sua origem não é temporalmente discreta.

A adopção de um determinado género não se faz num momento, consegue-se através de um projecto estratégico, trabalhoso e encoberto. O alcance do género é um processo cuidadoso, conseguido na interpretação da realidade cultural em que se vive. Este é também impulsivo, na medida em que tal realidade cultural consiste em tabus, prescrições e sanções.

Em sociedade, as pessoas são "acusadas" de exercerem a sua masculinidade ou feminilidade de modo impróprio, ficando a sua "liberdade de género" mais restrita.

Beauvoir apoia-se na opinião de que o nosso corpo assume e reinterpreta as normas de género que recebemos do meio envolvente.

Wittig afirma que quando a diferença sexual é nomeada, somos nós que a criamos. Normalmente associamos essa diferença às partes sexuais que fazem parte do processo de reprodução, o que faz da heterossexualidade uma necessidade ontológica. Desta forma, os "elementos funcionais para a actividade reprodutiva" são considerados como exclusivamente sexuais.

Wittig não concorda com o facto da sociedade valorizar determinadas características como definidoras do sexo e da identidade sexual, antes nomeia outros tipos de diferenças entre as pessoas e que deveriam ser igualmente considerados.

A sociedade, ao diferenciar as pessoas desta forma, atribui à heterossexualidade a função de pré-condição da identidade humana como um factor natural.

Tal como Wittig, Foucault nega o “sexo natural” como sendo um dado primário e sugere a “proliferação” e a “assimilação” dos sexos. Para este autor, o género não se constitui aquando do corpo, mas torna-se num aspecto essencial da vida do corpo.

Segundo Monique Wittig, nós continuamos a operar num sistema dualista (homem/mulher, preto/branco, patrão/operário). A única forma de resolver esta dualidade é a de construir a possibilidade de proliferação de sexos: outra hipótese além de masculino e feminino – o neutro. Isso dar-nos-ia a capacidade de usarmos livremente, de recriarmos outro tipo de relações entre o homem e a mulher. Daria também a possibilidade de a própria pessoa se construir de acordo com o modo que interpreta o mundo.

Simone de Beauvoir revolucionou a visão da mulher em todas as questões, não só na sua relação com o homem, mas também com o seu próprio corpo.

Beauvoir entende a noção de corpo como “situação” e esta noção tem dois significados:

- Como lugar de interpretações culturais, o corpo é uma realidade material definida num contexto social (o corpo tem de assumir e de interpretar um conjunto de normas recebidas).

- Por outro lado, enquanto campo de possibilidades interpretativas, o corpo pode, ao mesmo tempo, criar historicamente um novo conjunto de interpretações (nós não podemos existir fora das normas de género estabelecidas, mas se não podemos fugir delas, nós podemos criar um novo conjunto de interpretações, (podemos fugir a esse peso de não separação entre género e sexo)).

A atenção que se deve dar ao corpo não é só a nível fisiológico. Não há uma separação entre o corpo e o intelecto.

Michel Foucault pensou de uma forma pertinente sobre a questão de poder. Ele diz que o poder não se limita ao Estado, mas está disseminado na sociedade; há poder em cada um

de nós, que o podemos exercer ou não. Os próprios relacionamentos, nomeadamente entre homem e mulher, têm relações de poder, existe hierarquia.

Do ponto de vista Psicológico

Como é que as crianças atingem a sua identidade de género e adquirem papéis sexuais?

- Teoria Psicanalítica de Freud

A identidade de género ocorre quando uma criança adota características, crenças, atitudes, valores e comportamentos do pai do mesmo sexo. De acordo com Freud (cit. por Papalia, 2001), trata-se de um processo de identificação.

- Teoria da Aprendizagem de Bandura

As crianças estruturam «a identidade de género e os papéis sexuais da mesma forma que aprendem outros comportamentos através da observação e da imitação de modelos» (Hethering, 1965; Mussen & Rutherford, 1963 cit. por Papalia, 2001). Em geral, o modelo é a figura parental do mesmo sexo, mas as crianças podem também modelar o seu comportamento a partir de outras pessoas; e do reforço pelo comportamento adequado em função do género.

- Teoria Cognitivo-desenvolvimental de Kohlberg

«As crianças classificam-se a si próprias e aos outros como indivíduos do sexo masculino ou feminino e depois organizam o seu comportamento à volta dessa qualificação.» (Kohlberg, 1966 cit. por Papalia, 2001). Adoptam comportamentos que percebem como sendo consistentes com o seu género.

- Teoria do Esquema de Género de Bem

As crianças fazem permutas sociais «nos seus papéis sexuais, desenvolvendo um conceito acerca do que significa ser do sexo masculino ou do sexo feminino na sua cultura.» (Bem, 1983, 1985 cit. por Papalia, 2001). Organizam as suas observações à volta do esquema de

género, porque vêem que a sua realidade social classifica as pessoas desta forma: os indivíduos do sexo masculino e do sexo feminino vestem-se de maneira diferente, brincam com brinquedos diferentes, usam casas de banho separadas e fazem filas separadas na escola. As crianças adaptam, então, as suas próprias atitudes e comportamento ao esquema de género da sua cultura.

Factores que influenciam o desenvolvimento do Género em Psicologia: Natureza e Meio

Influências Biológicas (Natureza)

Num estudo de Money & Ehrhardt, 1972 (cit. por Papalia, 2001) realizado a longo prazo de um caso de mudança de sexo na infância, no qual o rapaz de oito meses, cujo pénis tinha sido acidentalmente destruído durante uma cirurgia, foi educado como sendo uma rapariga, aponta para a força do património biológico básico. Inicialmente desenvolvendo-se como indivíduo do sexo feminino, descobriu-se que a criança rejeitou essa identidade, e na puberdade, passou a viver com sucesso como uma pessoa do sexo masculino. Este facto contradiz a crença de muitos médicos, de que o ajustamento psicosexual saudável depende principalmente de presença dos órgãos sexuais apropriados e da educação. A identidade de género pode estar enraizada na estrutura cromossómica ou no desenvolvimento pré-natal e não pode ser facilmente mudada.

Influências Parentais

«Os pais aceitam mais facilmente a agressividade nos rapazes e mostram mais afecto às raparigas. (...) Os rapazes são mais fortemente socializados em função do género do que as raparigas.» (Lythton & Romney, 1991 cit. por Papalia, 2001) .Os rapazes são mais

pressionados pelos pais para actuarem como “verdadeiros rapazes” e evitem agir “como meninas”, e pressionam as meninas para evitem comportamentos “arrapazados” e actuarem de maneira feminina.

É mais provável que os pais mostrem desconforto se o rapaz brincar com uma boneca do que se a rapariga brincar com um camião. As meninas têm maior liberdade de escolha das roupas, dos jogos e das pessoas com quem brincam. Os pais promovem a tipificação sexual, pois o que eles fazem tem implicações a longo prazo nas crianças (Biller, 1981 cit. por Papalia, 2001)

Num estudo de Bronstein, 1988 (cit. por Papalia, 2001) verificou-se que os pais estavam mais aptos para serem mais sociáveis, aprovadores e afectivos com as suas filhas do pré-escolar e mais controladores e directivos com os filhos; também estavam mais preocupados com as realizações cognitivas dos filhos do que das filhas. A ausência do Pai parece introduzir poucas diferenças no desenvolvimento do género da criança.

A tipificação de género tem muitas facetas e a combinação particular e comportamentos “masculinos” e “femininos” adquirida pela criança, é uma questão individual e dependente da idade.

Influências culturais (meio)

«A televisão é um importante canal de transmissão das atitudes culturais acerca do género» (Strasburger, 1992 cit. por Papalia, 2001). As crianças absorvem atitudes altamente estereotipadas em função do sexo.

As crianças vêem uma série de episódios não tradicionais, como um pai e um filho cozinham juntos, têm visões menos estereotipadas do que as crianças que nunca viram essa série. As crianças lembram-se melhor de seqüências televisivas estereotipadas que elas já possuem.

«Os livros das crianças são outra fonte de estereótipos sexuais. (...) Actualmente, a amizade entre raparigas e rapazes é retratada mais frequentemente e as raparigas são mais corajosas e desembaraçadas.» (Beal, 1994 cit. por Papalia, 2001) As personagens do

sexo masculino dominam, as do sexo feminino têm maior probabilidade de pedir ajuda e o sexo masculino oferecer-lha.

Diferença entre Género e Sexo

Do ponto de vista da Psicologia

Exemplo: a Catarina e o Miguel têm quatro anos. Desde bebés convivem juntos: passeiam no jardim, aprenderam a andar de triciclo, vão juntos para o Jardim-de-infância. Mas os dois são muito diferentes, pois têm: órgãos sexuais diferentes, tamanho, força, aparência, capacidades físicas, cognitivas e personalidades diferentes. Quais destas diferenças se devem ao facto de a Catarina ser menina e o Miguel ser menino? Para responder a esta questão necessitamos de distinguir diferenças de sexo e diferenças de género. Diferenças de sexo são as diferenças físicas entre indivíduos do sexo masculino e do sexo feminino; e diferenças de género são as diferenças psicológicas ou comportamentais entre indivíduos do sexo masculino e do sexo feminino. Apenas através do sexo, não podemos prever se um determinado rapaz ou rapariga será mais rápido, forte, esperto, obediente ou assertivo do que uma outra criança.

A razão pela qual uma rapariga pode preferir brincar com as bonecas é consistente com a ideia que ela tem de si própria, como rapariga (consciência cognitiva).

A identidade de género surge, em geral, por volta dos dois anos, e por volta dos três a maior parte das crianças têm uma ideia firme do sexo a que pertence. Exemplo: uma menina com cabelo curto adverte quem a chama de menino. A constância /conservação de género, ou seja a compreensão por parte da criança de que será sempre do sexo masculino ou do sexo feminino, surge por volta dos quatro ou cinco anos. A criança adopta os comportamentos que considera ser adequados em função do género. Aos três anos o David disse que queria ser como a sua mãe e a Ana com quatro, disse que o David seria sempre Rapaz, mesmo que brincasse com bonecas. Mesmo sem saberem a

constância de género, as crianças já qualificam as actividades e os objectos por género, sabem muitas coisas sobre o que os homens e as mulheres fazem e adquirem frequentemente comportamentos apropriados em função do sexo. Quando adquirem a capacidade de constância de género, as crianças, numa primeira fase acreditam que os rapazes e as raparigas são essencialmente diferentes na sua Natureza, tal como o cão e o gato.

Diferenças entre homens e mulheres – Resenha Histórica

Do ponto de vista sociológico

Ao longo da História, as controvérsias acerca das diferenças entre os sexos e a sua origem assentam em práticas consolidadas ao longo de vários séculos e têm, ainda hoje, um papel importante na definição de áreas de actuação entre ambos os géneros. «As diferenças entre os sexos são, hoje em dia, ainda muitas vezes evocadas para justificar práticas relacionadas com as posições desiguais que os homens e as mulheres ocupam na sociedade» (Poeschl, 2000 e Poeschl e Serôdio, 1998 cit. por Poeschl et al, 2004).

Este debate sobre as diferenças entre sexos remonta ao século XIX, tendo na sua origem as mudanças produzidas na Sociedade Ocidental, com o triunfo da Revolução Industrial.

«Uma das consequências da industrialização é o aparecimento de uma nova população de trabalhadores que vive na miséria» (Cicchelli-Pugeault e Cicchelli, 1998 cit. por Poeschl et al, 2004).

Assim, «(...)a precariedade das suas condições de vida leva muitos operários a optarem pelo celibato, abandonando as mulheres que seduziram com as suas crianças, ou pela coabitação sem casamento. Quando casam, as mulheres e as crianças são obrigadas a trabalhar para assegurar a sobrevivência da família, o que é contrário ao que é regra na burguesia industrial» (Cicchelli-Pugeault e Cicchelli, 1998 cit. por Poeschl et al, 2004).

Isto ia contra os valores burgueses, porque era preciso destruir o pauperismo e moralizar os operários, para que o trabalho feminino e infantil termine e que a operária seja transformada numa doméstica, assumindo a educação dos filhos e cuidando dos maridos. «Preocupados em afastar as mulheres (e as crianças) dos locais de trabalho para proteger o emprego masculino, os sindicatos e os trabalhadores afirmam que a constituição física das mulheres destina-as a serem mães e esposas e que, por conseguinte, elas não podem ser nem boas empregadas nem boas sindicalistas (...) o corpo feminino, sendo mais fraco do que o corpo masculino, não pode resistir ao trabalho na fábrica (...) o trabalho na fábrica torna as mulheres inaptas para amamentar e dar à luz filhos saudáveis» (Scott, 1994 cit. por Poeschl et al, 2004).

Segundo Spencer, «as mulheres são dominadas pelos instintos e pelas emoções, manifestações inibidas nos homens pela sua inteligência superior» (Herbert Spencer, 1891, cit. por Shields, 1986 in Poeschl et al, 2004).

Enquanto as teorias sobre as diferenças entre os sexos se multiplicam, as mulheres vão-se apercebendo de que são alvo de algumas discriminações. «Nos anos 20, com a primeira onda de feminismo, as mulheres da América e da Europa do Norte, conquistam o direito ao voto, o direito à propriedade e o acesso à educação» (Connell, 1993 cit. por Poeschl et al, 2004).

Segundo Terman, «a mulher, tipicamente, diferencia-se do homem pela riqueza das suas emoções, pela sua timidez, pela sua docilidade, pela sua natureza ciumenta; preocupa-se com as relações com os outros e os afazeres domésticos, enquanto o homem, tipicamente, se preocupa com os objectos mecânicos, as actividades financeiras ou as actividades exteriores». (Terman e Miles, 1936 cit. por Poeschl et al, 2004).

Vinte anos mais tarde, Parsons esclarece que «o papel do homem é de natureza instrumental e o papel da mulher de natureza expressiva». Para Parsons, «um único membro da família não pode conciliar os comportamentos expressivos e instrumentais» por isso, a divisão dos papéis familiares é efectuada em função do sexo. (Parsons e Bales, 1956 cit. por Poeschl et al, 2004).

Brown afirma que «as famílias mais eficazes e mais coesivas são aquelas em que os homens e as mulheres desempenham, respectivamente, os papéis instrumental e expressivo» (Brown, 1988 cit. por Poeschl et al, 2004).

Pode-se já definir que, tal como refere Montagu, «o sexo, [é o] reflexo da diferença inscrita num par de cromossomas, com o género, produto dos processos de socialização». (Montagu, 1999 cit. por Poeschl et al, 2004).

Maccoby e Jacklin publicaram, em 1974, um conjunto de estudos sobre as diferenças entre homens e mulheres relativamente às suas capacidades cognitivas e aos comportamentos sociais, concluindo que «os homens possuíam capacidades numéricas e de visualização espacial superiores à das mulheres e as mulheres possuíam capacidades verbais superiores à dos homens. Os homens seriam também mais agressivos do que as mulheres» (Deaux, 1990 cit. por Poeschl et al, 2004).

Entre os autores que realçam a importância da cultura, alguns dizem que as diferenças de comportamento entre homens e mulheres reflectem os desequilíbrios de estatuto e de poder dos dois sexos (Henley, 1977 cit. por Poeschl et al, 2004). «Outros defendem que as diferenças entre os sexos não traduzem apenas diferenças de estatuto e de poder, mas são o produto da divisão do trabalho entre domésticas e operários» (Eagly, 1987 cit. por Poeschl et al, 2004). Outros, ainda, «consideram que os homens e as mulheres têm um repertório de comportamentos relativamente igual, mas que as suas expectativas sobre a maneira como se devem comportar são traduzidas pela selecção de comportamentos diferenciados» (Deaux, 1990 cit. por Poeschl et al, 2004).

Certos autores inseridos na corrente da psicologia evolutiva salientam que subsistem diferenças inatas entre homens e mulheres. (Sperling, 1999 cit. por Poeschl et al, 2004). Defendem que as estratégias que possibilitam o sucesso reprodutivo dos dois sexos estão na origem de muitas das diferenças observadas entre homens e mulheres. (Buss, 1992 cit. por Poeschl et al, 2004).

Desenvolvimento da identidade de género no contexto educativo

Do ponto de vista da Psicologia

No Jardim de Infância existem áreas de interesse e actividades adaptadas ao sexo masculino e feminino. Nas idades mais jovens, os rapazes tendem a ser colocados no “*canto dos blocos*” e dos carrinhos, enquanto as raparigas são colocadas na área das casinhas e das bonequinhas.

Os educadores têm expectativas diferentes em função dos sexos, o que é exactamente o tipo de situação que a teoria dos papéis poderia prever. Se os agentes educativos esperam que os rapazes coloquem mais problemas de comportamento do que as raparigas, os rapazes detectam esses indícios e não deixam os professores ficar mal.

Do ponto de vista sociológico

Vários estudos indicam que a igualdade legal não tem sido um mecanismo suficientemente eficaz para garantir a diminuição alargada das desigualdades sociais, e de género, e que apesar da introdução de legislação contra discriminação sexual no emprego e não só, a posição das mulheres na maior parte dos Estados membros da União Europeia pouco mudou: as mulheres ganham menos que os homens, raramente ocupam cargos de poder e sofrem níveis de exclusão social desproporcionalmente superiores aos homens, em vários contextos, nomeadamente de trabalho. Contudo, a introdução de mecanismos legais que determinam a participação das mulheres em cargos políticos de responsabilidade como deputadas, vereadoras ou participantes de executivos municipais poderá alterar este quadro global.

Por isso, faz sentido reafirmar que as políticas educativas têm um importante papel a desempenhar no processo de consolidação de uma cidadania plena – uma cidadania educativa – onde todos os actores de base (alunos, professores e membros da comunidade educativa) cooperem num processo autêntico de construção a igualdade de oportunidades. No fundo uma educação emancipatória que garanta condições de

verdadeira participação tanto a mulheres, como aos homens e que lhes dê oportunidades para construir um mundo de mais e melhor justiça social.

Capítulo III

Metodologia

Metodologia

O estudo de caso foi realizado num Jardim de Infância.

Para amostra, foi escolhido um grupo de quinze crianças (sete meninas e oito meninos) de três anos de idade, sendo que se trata de um grupo homogéneo.

Para a realização do estudo, elaborei uma grelha (anexo 1) de observação das crianças nas áreas da sala de actividade. Além da grelha e através de conclusões que pude retirar das observações que fui fazendo, implementei algumas actividades ligadas ao tema, que descreverei mais adiante. Por fim, optei por fazer alguns registos fotográficos de certos comportamentos, assim como alguns registos audiovisuais.

O método de abordagem desta investigação resulta de uma aposta na via indutiva, que visa partir de uma situação particular para uma situação geral. Neste método, o conhecimento é fundamentado na experiência, ou seja, deriva de observações de casos concretos. Por assim dizer, os factos observados e analisados, de forma particular, levam à construção de asserções gerais.

As etapas fundamentais por que passa este método são: a observação dos fenómenos, na tentativa de descobrir o porquê do acontecimento, a descoberta da relação entre os fenómenos, por comparação e a generalização da relação.

No entanto, Lakatos e Marconi, 1996 (cit. por Carvalho, 2009) afirmam que «*quanto mais representativa a amostra, maior a força indutiva do argumento*». Se a amostra considerada para o estudo for constituída por um número elevado de crianças, mais facilmente se poderão fazer generalizações nas suas conclusões. O mesmo trabalho não teria tanta força, nem tanto poder de argumentação se a amostra for pouco significativa.

A técnica de trabalho científico em que se baseia o presente estudo é a investigação-acção, que reforça uma perspectiva de continuidade, em que a observação e a reflexão sobre a mesma levam à construção de actividades que potenciam a exploração de

determinados comportamentos educativos. Esta técnica acaba por ser um processo contínuo, sempre em acção e mudança (Cohen & Manion, 1989).

Apesar de terem sido propostas actividades em algumas áreas da sala de actividade, quase todo o trabalho de recolha de dados efectuado passou pela observação. Relativamente às formas e aos meios de observação, posso afirmar que, quanto à situação ou atitude do observador, adoptei a postura de observação participante, pois limitei-me a observar as crianças de uma forma discreta, tirando alguns apontamentos, intervindo sempre que necessário e fazendo alguns registos audiovisuais das actividades das crianças.

Quanto ao processo de observação, optei pela observação naturalista, pois baseei-me na observação das crianças em situações do quotidiano do Jardim de Infância, em plena exploração livre das áreas da sala.

Quanto ao campo de observação, por se tratar de uma observação baseada nas acções das crianças, é uma observação molar (Wright cit. por Estrela, 1994).

Capítulo IV

Análise e interpretação dos dados

Análise e interpretação dos dados

Observação das crianças nas áreas da sala de actividade

A observação das crianças nas áreas da sala de actividade foi feita com base na utilização de uma grelha (anexo 1) que passava pelo registo do nome e idade da criança, pela identificação de algumas das suas características individuais, pela referência à sua área predilecta, pelo registo da área em que se encontrava e por um breve resumo acerca da exploração do espaço.

De seguida, passo a apresentar um gráfico que resume as preferências das crianças pelas várias áreas da sala de actividade. Este gráfico resulta de duas observações por criança, podendo, cada criança, optar por duas áreas.

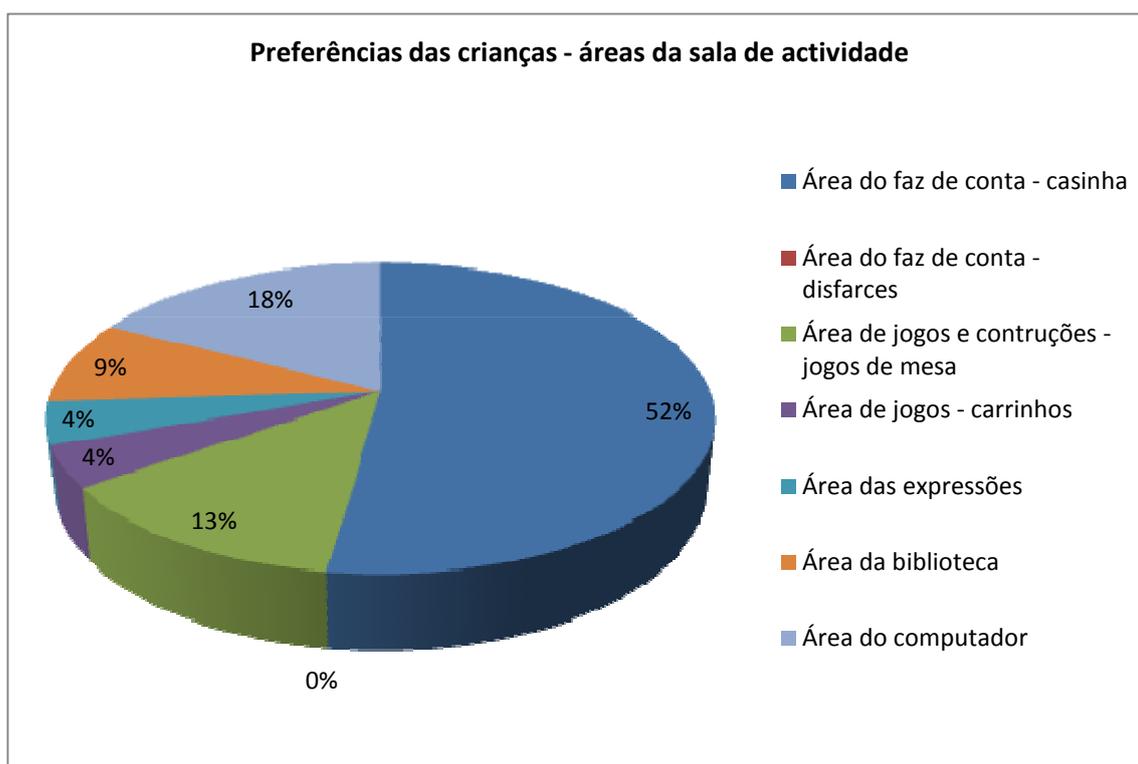


Gráfico 1. Preferências das crianças pelas áreas da sala de actividade.

Através da análise dos comportamentos das crianças pude registar uma maior preferência pela *área do faz de conta* (casinha) – que foi escolhida por doze crianças (52%), tanto por do sexo feminino, como por crianças do sexo masculino. A área que ocupa o segundo lugar das preferências é a *área do computador*, apenas escolhida por quatro crianças (18%) do sexo masculino. Em terceiro lugar surge a opção pela *área de jogos e construções*, nomeadamente os jogos de mesa e, dentro destes, os *puzzles*, escolhida por apenas três crianças (13%). A *área da biblioteca* ocupa o quarto lugar nas escolhas das crianças (9%), apenas com duas preferências do sexo feminino, que curiosamente são crianças que optaram, equitativamente, pela *área do faz de conta* (casinha). A *área de jogos* (carrinhos) foi escolhida apenas por um menino (4%) que além disso também mencionou a área de jogos de mesa. A par desta escolha, houve uma outra predilecção pela *área das expressões* (4%), mais directamente, a área da plasticina. Por fim, a área do faz de conta (disfarces) não teve qualquer preferência da parte das crianças (0%).

Estas escolhas são típicas de crianças que iniciam as suas actividades no Jardim de Infância, numa idade em que descobrem que são meninos ou meninas, assim como se começam a distinguir psicológica e fisicamente das outras crianças. Por outro lado, estas crianças são extremamente inteligentes e já perceberam que quando crescerem vão ser homens e mulheres, tal como os seus pais. Como tal, as suas escolhas e as suas atitudes revelam muito desse desejo de crescimento e responsabilidade como adultos. Tudo isto pode-se verificar através da forma como as crianças exploram cada área da sala.

Contudo, as preferências das crianças nem sempre correspondem às frequências nas áreas. Algumas das crianças têm de fazer outras opções de livre vontade ou porque os limites de crianças por área assim o exigem. Este facto permite uma maior abertura nas experiências de cada criança e, ainda, uma melhor exploração de todas as áreas, em detrimento de apenas uma.

Relativamente à frequência das crianças, o gráfico abaixo mostra-nos as escolhas das crianças em função do seu sexo.

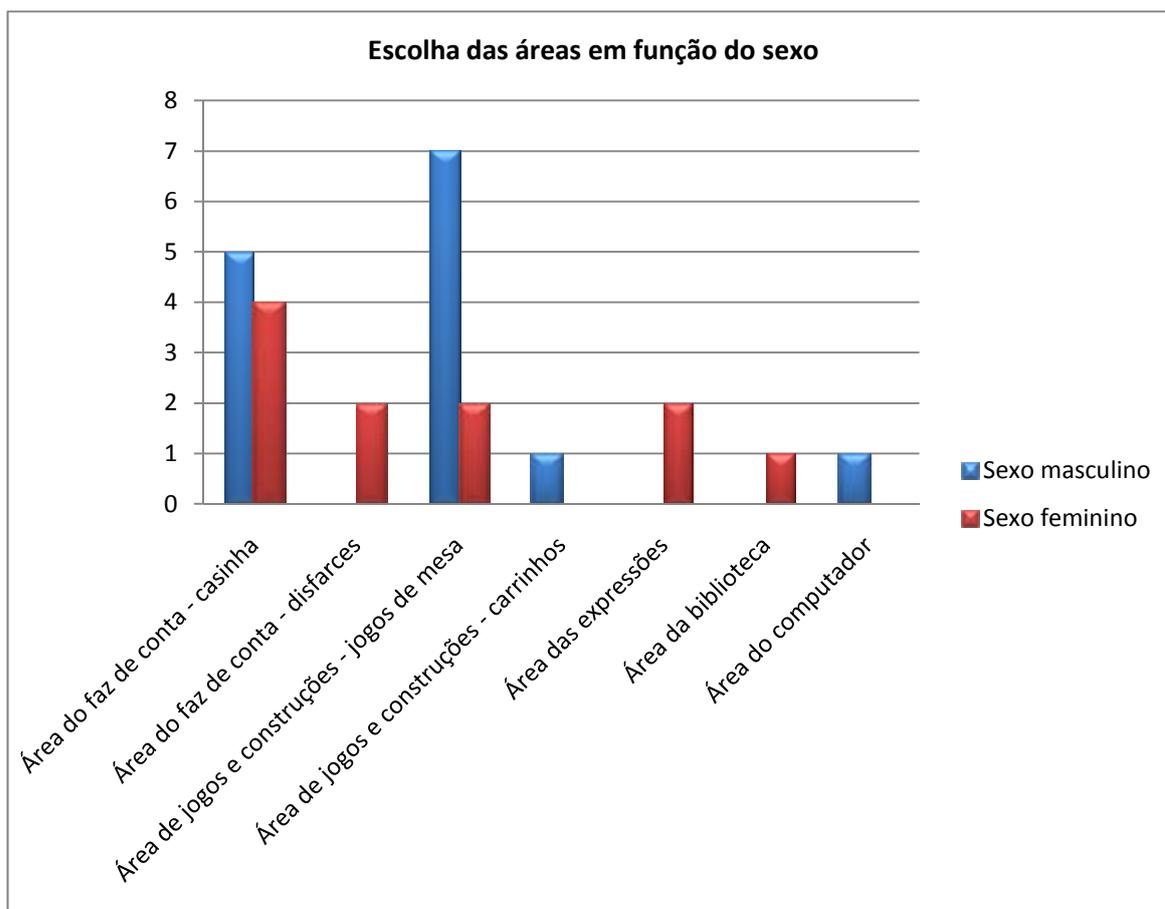


Gráfico 2. Escolhas das crianças pelas áreas da sala de actividade, consoante o sexo.

Relativamente à *área do faz de conta* (casinha) não há muitas diferenças nas escolhas entre rapazes e raparigas. Ambos os sexos frequentam a área, o que bem revela o desejo de participação de ambos os sexos na exploração da casa, suas divisões e responsabilidade associadas à gestão doméstica. O mesmo não acontece na *área de jogos de mesa*, onde as escolhas se notam mais pelo sexo masculino. Há áreas cuja frequência é apenas pelo público feminino, como a *área dos disfarces*, a *área das expressões* e a *área da biblioteca*. Por sua vez, apenas os rapazes optam pelas áreas dos carrinhos e do computador, o que pode revelar uma certa influência das figuras parentais, nomeadamente o papel que pode ser atribuído às meninas e aos meninos, bem como a tolerância ou não das brincadeiras, da parte dos pais.

«Todos os pais têm um ideal implícito ou explícito de como deveriam ser os seus filhos.»
(Mussen, 1988).

Caracterização do perfil de cada criança

Todas as crianças fazem parte de um grupo de quinze (sete meninas e oito meninos), cuja faixa etária é, como já foi referido, os três anos de idade, completando os quatro anos entre Julho e Dezembro de 2011. Trata-se, portanto, de um grupo homogéneo e com as mesmas oportunidades de desenvolvimento.

O *Menino A* é uma criança muito activa e bastante comunicativa com os pares e com os adultos. Trata-se de uma criança muito responsável e com muito boa memória. Quando é contrariado ou repreendido, não se conforma e tenta sempre ir mais além daquilo que se lhe ordena ou pede. O *Menino A* é muito irrequieto e não consegue passar despercebido onde quer que esteja. Contudo, é uma criança muito atenta e com muita capacidade de adquirir novas aprendizagens e novas regras. O desenvolvimento da sua linguagem não se encontra muito avançado, embora se notem bastantes alterações em comparação com o início do ano lectivo. Esta criança demonstra conhecer o mundo social e, apesar de não apresentar uma opinião firme e argumentada, as suas áreas preferidas são a *Área do faz de conta* (casinha) e a *Área do Computador*.

O *Menino B* é uma criança aparentemente calma e tímida, sendo que comunica com os adultos apenas quando solicitado. Já com os pares, em brincadeiras e na realização de actividades de grupo, é uma criança faladora e estabelece pequenos diálogos. A nível cognitivo, o *Menino B* revela algumas apetências de aprendizagem e demonstra bastante evolução no seu desenvolvimento físico e intelectual desde o início do ano lectivo transacto. A nível da linguagem, o *Menino B* demonstra algum desenvolvimento e algumas novas aquisições de vocabulário. Esta criança demonstra muita curiosidade pela experimentação e pelas novas tecnologias, daí a sua área preferida ser a *Área do Computador*.

A *Menina A* é uma menina bastante responsável e correcta com os colegas. Apesar de ser um pouco tímida, a *Menina A* demonstra saber muitas regras sociais e de trabalho em

grupo. Esta criança evidencia bastante autonomia em todas as tarefas que realiza. É uma criança que acolhe muito bem os pedidos, as tarefas e as actividades que lhe são propostas, sendo muito exigente consigo própria. Trata-se de uma criança que reage mal ao erro (o que raramente acontece) e cuja consequência é o choro e aborrecimento consigo mesma. Pode-se afirmar que a *Menina A* é uma criança muito calma e que nunca perturba os colegas, nem o bom funcionamento do grupo. Esta criança revela ter exemplos de várias figuras sociais, pelo que demonstra, na sua exploração das áreas, a sua preferência pela exploração do seu papel feminino na *Área do faz de conta* (casinha).

O *Menino C* apresenta uma certa dificuldade na pronúncia de bastantes palavras, embora tenha apresentado evoluído positivamente no decurso do ano lectivo. Nota-se que detém um vocabulário rico e demonstra alguma expressividade, mas tem dificuldades em manifestar-se e em pronunciar as palavras. Contudo, este aspecto jamais afecta o seu relacionamento com os colegas ou com os adultos e até, mesmo, a realização de actividades. No plano da motricidade fina, o *Menino C* está bastante desenvolvido, apresentando trabalhos muito cuidadosos e delicados. É uma criança calma, correcta, demasiado tímida (recusa-se a participar em algumas actividades que envolvam a motricidade global) e minimamente obediente. Ainda em fase de desenvolvimento crucial, demonstra a sua curiosidade em aprender de forma exploratória, pois encontra-se muito dividido na preferência pelas *Áreas de Jogos e Construções* (jogos de mesa) e a *Área dos Jogos e Construções* (carrinhos).

A *Menina B* é uma criança muito desenvolvida a nível cognitivo e da linguagem. Apesar de um pouco tímida, é uma menina que adquire facilmente novas aprendizagens e tem desejo de saber mais. Com os colegas, a *Menina B* relaciona-se muito bem com todas as crianças da sala e brinca com colegas de ambos os sexos. Contudo, é uma criança muito teimosa e que não gosta de ser contrariada, o que dificulta um pouco a sua exploração de todas as áreas da sala. Ao nível da motricidade fina, a *Menina B* encontra-se num nível avançado, pois pega no lápis em forma de pinça com os dedos polegar e indicador. Esta

criança, por se recusar a explorar algumas áreas, revela claramente a sua preferência pelas *Áreas do Faz de Conta* (casinha) e a *Área da Biblioteca*.

O *Menino D* é um menino bastante crescido e responsável. Acolhe todas as indicações que lhe são dadas e reconhece as suas falhas e os seus erros. É uma criança bastante interessada e empenhada em todos os trabalhos, pois gosta de experimentar e aprender sempre mais. Muitas vezes é ele mesmo que solicita trabalho. A nível da linguagem, o *Menino D* entende o significado de várias palavras e se lhe surge alguma dúvida não hesita em questionar. Na presença de pessoas mais estranhas ao seu quotidiano demonstra um certo grau de intimidação, mas não hesita na troca de olhares. Posso afirmar que o *Menino D* é uma criança com bastante potencial e que se relaciona bem com todo o grupo. Por vezes, demonstra alguma aversão em trabalhos e tarefas que quer a todo o custo realizar, mesmo que não seja o momento mais apropriado. Esta criança distingue bem os papéis sociais e identifica-se com as *Áreas do Faz de Conta* (casinha) e a *Área de Jogos e Construções* (jogos de mesa).

A *Menina C* tem menos horas de contacto com o Jardim de Infância, pois chega algum tempo depois das actividades começarem, é uma criança que demonstra ter bastante proximidade e afeição com a família, principalmente com a mãe. Até ao final do ano, a Inês manteve sérias dificuldades para entrar na sala e colocar-se à vontade com certas actividades. No entanto, é uma criança com um carácter bastante feminista, que é demonstrado pela forma como se veste, pelos objectos e acessórios que traz de casa, bem como pela forma como e onde brinca na sala. Com os colegas, a *Menina C* sabe partilhar materiais e não cria conflitos. Na hora da escolha das áreas que pretende explorar, a Inês não demonstra ter dúvidas e chega a ser teimosa, pois quer sempre frequentar a sua preferida, a *Área do Faz de Conta* (casinha).

A *Menina D* teve menos contacto com o Jardim de Infância, pois, logo de início, teve de recorrer a uma cirurgia para correcção de um problema físico de nascença, um segundo polegar na mão direita. Todo este problema afectou a *Menina D* a nível do

desenvolvimento da sua motricidade fina e condicionou a sua reintegração no grupo, aquando do seu regresso. Essa integração acabou por ser bem-sucedida porque os colegas não fizeram qualquer questão em afastá-la ou rejeitá-la. Ao mesmo tempo, a *Menina D*, apesar de muito tímida e pouco expansiva, demonstrava muitas capacidades de adaptação a todas as circunstâncias. Trata-se de uma criança calada e que pouco ou nada dialogava, mas que em muitos momentos revelava compreensão de tudo o que lhe era dito e que fazia questão de afirmar as suas vontades. No entanto, o facto de ser calada e o seu rosto revelava uma criança um pouco apagada e débil. Nas suas eleições estão a *Área do Faz de Conta* (casinha) e a *Área de Jogos e Construções* (jogos de mesa).

A *Menina E* é a criança mais nova do grupo, mas é extremamente dinâmica. A nível da linguagem, apresenta um vocabulário bastante alargado e consegue expressar-se muito bem. Raramente se encontra calada. Com os colegas, a *Menina E* parece ter um espírito de líder do grupo, chegando a exercer o seu poder argumentativo sobre eles. A nível da motricidade fina, a *Menina E* encontra-se muito bem desenvolvida e isso pode verificar-se na maioria dos seus trabalhos, embora a preguiça e o espírito de contrariedade a prejudicasse em muitos momentos. É uma criança com uma personalidade muito forte e que, nas áreas da sala, evidencia o seu papel feminino, principalmente na exploração da *Área do Faz de Conta* (casinha), a sua área da sala preferida.

A *Menina F* é muito responsável e correcta. É uma criança que, como a *Menina A*, não aceita falhar, apesar de ser muito regular e consistente. Os seus trabalhos revelam muitas aptidões a nível do desenvolvimento motor e cognitivo. A *Menina F* é uma menina muito doce e familiariza-se com tudo o que lhe é proposto. No entanto, talvez por ter um namorado na sala, pode-se verificar, em algumas tarefas e atitudes que o seu papel feminino é muitas vezes evidente. A sua área preferida é a *Área da Biblioteca*, onde costuma levar os bebés quando explora a *Área do Faz de Conta* (casinha). Com os colegas, mantém uma boa relação e, se necessário, chama-os à atenção para aquilo que julga não ser justo. A nível da linguagem, e apesar de revelar uma certa gaguez (não muito

preocupante), a *Menina F* consegue expressar-se muito bem e é bem entendida por todos.

A *Menina G* é uma criança frágil, devido a algumas repercussões de problemas físicos que foram tratados à nascença, mas que, apesar de tudo, demonstra muita alegria e espírito de brincadeira. Demonstra ser muito estimulada em casa e traz as suas aprendizagens para partilhar com o grupo, no Jardim de Infância. A nível motor, não revela muito desenvolvimento, o que se reflecte em alguns desenhos e até mesmo em jogos e actividades de expressão motora. Mantém uma boa relação com o grupo e, principalmente com os adultos. Contudo, em certos momentos, a *Menina G* parece ter dupla personalidade: tanto é uma criança doce e afável, como rapidamente se transforma numa criança má. Todas as suas atitudes e forma de vestir e andar revelam muito feminismo, embora tenha a figura do pai como seu ídolo. Esta criança encontra-se dividida na preferência pelas *Áreas de Expressões* (plasticina) e do *Faz de Conta* (casinha).

O *Menino E* chegou ao Jardim de Infância algumas semanas antes do ano lectivo acabar. Trata-se de uma criança que veio de um meio social diferente, cujos pais se encontram separados. Em alguns momentos, o *Menino E* revela bastante desenvolvimento, mas que por ter usado o tempo todo para adaptação, não lhe foi possível demonstrar melhor o que sabia. Apesar de tudo, esta adaptação correu bem e o menino integrou-se facilmente no grupo, começando imediatamente a interagir com os colegas. No entanto, notava-se alguma timidez e menos à vontade em algumas tarefas, que se consideram normal no caso da sua chegada tardia. O *Menino E* é uma criança que explorava as áreas todas e que não fazia grande questão em afirmar as suas posições, talvez pela sua fragilidade afectiva e necessidade de obtenção de referências, pelo que opta pela *Área do Faz de Conta* (casinha) como sendo a sua predilecta.

O *Menino F* é um menino muito aberto à interacção. Apesar de muito tímido, esta criança envolve-se em diálogos e revela ter bastantes conhecimentos do mundo que a rodeia. Ao nível da linguagem, encontra-se muito bem desenvolvido mas, ao nível da motricidade

finalmente, o *Menino F* apresenta sérias dificuldades em manejar o lápis, reflectindo-se na sua capacidade de se expressar no desenho. O computador é a área que mais gosta, revelando muitas capacidades em manipulá-lo. Isto deve-se ao estímulo que tem em casa, da parte do pai. Apesar de ser uma área precoce para a sua faixa etária, o *Menino F* já reconhece e identifica muito bem as letras do alfabeto. Com os colegas, o *Menino F* tem uma boa relação, embora, por vezes, haja lugar a alguns atritos.

O *Menino G* é uma criança muito difícil de se conformar. Apresenta um grau de conhecimentos muito aprofundado e uma incessante curiosidade. Trata-se de uma criança bastante estimulada em casa e que não se conforma com uma resposta que não apresente certo grau de pormenorização. Sempre que descobre algo novo, tem gosto em partilhar com os colegas, o que os deixa muito atentos e com vontade de saber mais. No fundo, o *Menino G* acaba por ser um estímulo para a aprendizagem das outras crianças. Contudo, é uma criança que não gosta de sujar-se, não por influência dos pais, mas porque tem muito medo de micróbios e de coisas estranhas que vê nos desenhos animados. No fundo, o *Menino G* acaba por fazer alguma confusão entre a realidade e o imaginário. A nível das suas escolhas, o *Menino G* revela não manter opções, pelo que gosta de experimentar um pouco de tudo, dependendo do seu estado de espírito. No entanto, escolhe a *Área do Faz de Conta* (casinha) como sendo a preferida em alguns momentos, embora a mais predilecta seja a *Área do Computador*.

O *Menino H* é um menino que inicialmente se encontrava bastante tímido e calado, mas que nas últimas semanas se revelou. A dada altura, começou a notar-se muita evolução no vocabulário, nos seus diálogos com os colegas e na realização das actividades, mas esta evolução apenas se podia observar aquando longe dos olhares dos adultos. É uma criança que não toma muitas opções firmes, mas que demonstra muito interesse por todos os *Jogos e Construções* (jogos de mesa). A nível motor, o *Menino H* sempre se encontrou num nível de desenvolvimento avançado.

Actividades implementadas no âmbito da investigação

Actividade *Quem sou eu?*

A estagiária apresenta uma tabela de dupla entrada (anexo 7) com o nome e fotografia de cada criança. Desta forma, uma coluna corresponde à cor dos olhos, outra à cor do cabelo e outra ao sexo da criança. Os objectivos que estão subjacentes a esta actividade são o conhecer as suas características físicas e individuais, assim como perceber as diferenças entre si e os colegas.

As crianças terão, uma de cada vez, de preencher a tabela, utilizando imagens de acordo com as suas características.

Esta actividade, inicialmente, demonstrou ser complicada para as crianças, pelo que houve necessidade de algumas se deslocarem ao espelho para poderem ver algumas características que nunca teriam reparado.

A estagiária, apercebendo-se de certos aspectos e dificuldades, teve o papel de orientar a tarefa e o preenchimento do quadro, por forma a auxiliar as crianças na construção da sua resposta. As dúvidas mais frequentes eram a distinção das cores. Nesta actividade, as crianças aperceberam-se que há várias cambiantes e tonalidades dentro da mesma cor e isso tornava-se difícil na sua identificação.

Uma outra questão que suscitou algumas dúvidas foi o sexo. Era a primeira vez que alguém lhes dava a conhecer este facto. Com a explicação da estagiária tudo ficou mais claro, até porque eles distinguiam facilmente os meninos das meninas. As grandes interrogações eram as próprias palavras *feminino* e *masculino*, que as crianças não dominavam, sendo portanto difícil estabelecer diferenças entre os sexos.



Imagem 1. Resultado do preenchimento da tabela *Quem sou eu?*.

Actividade *Eu ajudo nas tarefas!*

A estagiária sugere que as crianças explorem as áreas da sala e, na *Área do Faz de Conta* (casinha), propõe a seguinte tarefa: enquanto a menina prepara o jantar, o menino vai procurar por a mesa, preparar as bebidas e o pão para a refeição. O grande objectivo desta tarefa prende-se com o desejo de observação do comportamento das crianças perante uma situação que pode ocorrer no dia-a-dia.

Esta tarefa revelou-se de mais fácil execução que a anterior, porque era uma actividade próxima das crianças e do seu quotidiano e, ao mesmo tempo, uma actividade que já costumavam realizar nas suas brincadeiras livres na área. Uma vertente que se revelou um pouco mais estranha foi a questão de se deslocarem ao exterior da área para comprar o pão, ao contrário do que se passou com o caso de por a mesa, que já era habitual.



Imagem 2. Registo fotográfico de um casal a realizar a actividade *Eu ajudo nas tarefas!*

Actividade *Eu conheço-me!*

A estagiária, sugeriu a duas crianças que se encontravam a explorar a *Área de Jogos e Construções*, nomeadamente os jogos de mesa, que construíssem dois *puzzles* de doze peças cada um (anexo 8), em tamanho médio, um com o corpo de uma menina e outro com o corpo de um menino, para se evidenciar as diferenças. Para ajudar na construção dos *puzzles*, o verso do *puzzle* correspondente ao sexo masculino era de cor azul e, por sua vez, o *puzzle* correspondente ao sexo feminino era de cor rosa.

Com esta actividade, pretendia-se dar a conhecer as diferenças físicas entre os sexos feminino e masculino, no sentido de saber se as crianças já se tinham apercebido destes aspectos. Esta actividade não teve grandes limitações, nem houve necessidade de intervenção da estagiária, pois as crianças, já tendo experiência na construção deste tipo de jogos, iam encaixando as peças da forma que achavam correcta. Por vezes, acontecia a colocação das peças referentes aos membros superiores logo a seguir às peças correspondentes à cabeça, tal como já acontecia antes nos desenhos e outros trabalhos. Este aspecto não me pareceu ser relevante, pois trata-se de uma característica normal em crianças desta faixa etária.



Imagem 3. Registo fotográfico do início da realização da tarefa *Eu conheço-me!*



Imagem 4. Registo fotográfico do final da realização da tarefa *Eu conheço-me!*

Capítulo V

Conclusões da Investigação

Conclusões da investigação

É agora tempo de regressar à questão que norteia esta investigação, expressa na página sete deste trabalho. Todo o trabalho de pesquisa de dados efectuado, talvez me permita dar já uma resposta à questão “*Será que as ideias de género que as crianças trazem do meio em que vivem, influenciam os seus comportamentos na escolha das áreas da sala?*”.

Primeiramente, quero salientar que aquando das observações que efectuei (anexos 2, 3, 4, 5 e 6) nem sempre as crianças tiveram oportunidade de frequentar todas as áreas da sala. Daí que achei pertinente traçar um perfil que definisse cada criança, na tentativa de perceber se as suas escolhas e as suas preferências têm ou não que ver com a sua personalidade. A maioria das crianças prefere a *Área do Faz de Conta* (casinha) e esta escolha, curiosamente, é feita de forma análoga por ambos os sexos. Inicialmente, pensei que as crianças fizessem distinção entre as áreas mais adequadas ao género feminino e as áreas mais adequadas ao sexo masculino. Ao longo da investigação, fui percebendo que esta hipótese não se colocava de forma tão estanque e rígida, uma vez que todas as crianças demonstravam uma vontade de explorar a totalidade das áreas.

A maioria das crianças tentava explorar a área com que mais se identificava, o que nem sempre era possível devido ao limite de crianças a que cada área estava sujeita. Mesmo assim, por vezes, algumas áreas como *dos disfarces* e *das expressões* encontravam-se mais desguarnecidas. Isto acontecia por opção das próprias crianças, visto que estas tinham liberdade para escolher a área que queriam frequentar. No entanto, as faltas pontuais ao Jardim de Infância poderiam contribuir para a falta de ocupação de algumas áreas.

Relativamente à influência dos relacionamentos que as crianças têm no seu quotidiano, quer a nível familiar, quer a nível social, pude concluir que as crianças trazem algumas dessas vivências para as actividades do Jardim de Infância, e isso reflecte-se nos seus comportamentos perante determinadas situações.

As meninas demonstram ser mais organizadas e uma maior habilidade para cuidar dos bebês, embora os meninos, muitas vezes, gostem de se dedicar a alimentá-los e vesti-los. Por sua vez, as meninas gostam bastante de cozinhar e são os meninos que se preocupam com a organização das loiças e da mesa no momento da refeição. São igualmente os meninos que se preocupam com servir o café no final de cada refeição.

Ao longo da recolha de dados, nomeadamente as observações, pude perceber que existem atitudes que demonstrem uma igualdade entre ambos os sexos e entre todas as crianças da sala. A área da sala preferida demonstrou ser claramente a *Área do Faz de Conta* (casinha), tanto eleita por meninas, como por meninos. Esta escolha revela bem a vontade das crianças em experimentarem novos papéis, desafiando os limites dos seus conhecimentos e demonstrando uma enorme curiosidade pelo mundo físico e social. Já a *Área do Computador* apenas satisfazia as delícias dos meninos, mais vocacionados para os jogos multimédia e algumas animações tridimensionais.

De uma forma geral, posso afirmar que o estudo se revelou bastante surpreendente para mim. Ao contrário do que imaginava, as crianças em causa, apesar da sua juventude, revelaram estar em constante desenvolvimento, acompanhando e acolhendo tudo o que as rodeia, principalmente do mundo exterior e das vivências dos pais e familiares, o que me surpreendeu muito positivamente. Esta investigação contribuiu, seguramente, para o meu enriquecimento pessoal e profissional, como futura Educadora de Infância.

Referências bibliográficas

PAPALIA, Diane E.; OLDS, Sally Wendkos - O mundo da criança. São Paulo: Makron, 1998. ISBN 85-346-0543-2

MUSSEN, Paul Henry [et al.] - Desenvolvimento e personalidade da criança. 2.^a ed. São Paulo: Harbra, cop. 1988

CAMPOS, Bártolo Paiva - Psicologia do desenvolvimento e educação de jovens. Lisboa: Universidade Aberta, 1990. 2 vols. (286 p.). ISBN 972-674-037-1

SPRINTHALL, Norman A.; SPRINTHALL, Richard C. - Psicologia educacional: uma abordagem desenvolvimentista. Lisboa : McGrawHill, 1993. ISBN 972-9241-37-6

ARIES, Philipe, ed. lit.; DUBY, Georges, ed. lit. - História da vida privada. [Porto]: Edições Afrontamento, 1989. ISBN 972-36-0221-0. ISBN 972-36-0229-6. ISBN 972-36-0243-1. ISBN 972-36-0235-0. ISSN 972-36-0221-0

CARVALHO, J. Eduardo – Metodologia do Trabalho Científico: «Saber-fazer» da investigação para disestações e teses. [Lisboa]: Escolar Editora, 2009. ISBN 978-972-592-244-6

ESTRELA, Albano, - Teoria e prática de observação de classes: uma estratégia de formação de professores. 4.^a ed. Porto : Porto Editora, 1994. ISBN 972-0-34043-6

FERNANDES, Arménio Martins – A investigação-acção como metodologia.

NOGUEIRA, Conceição – Artigo *Feminismo e Discurso do Género na psicologia Social*. Documento apresentado à Universidade do Minho.

PENTEADO, Cândida – Estudo *A identidade de género no Jardim de Infância – que construção social?*. Documento apresentado à Universidade da Madeira.

BARBOSA, Carla - *Dos Corpos Nascidos aos Sexos Construídos: As Representações de Género das Crianças em Jardins-de-infância*. Dissertação facultada à Universidade do Minho (Braga, 2007).

POESCHL, Gabrielle, MÚRIAS, Cláudia e COSTA, Eleonora - Desigualdades sociais e representações das diferenças entre os sexos (2004).

AMÂNCIO, Lígia – Masculino e Feminino, a construção social da diferença (2003).

Anexos

Anexo 1

Grelha de observação das crianças nas áreas

OBSERVAÇÃO DAS CRIANÇAS NAS ÁREAS

Jardim de Infância de Meio – Areosa

Sala: _____ Ano Lectivo: _____ Data: __/__/__

Nome	Idade	Características da criança	Área predilecta	Área onde se encontra	Como explora a área?

ANA CLÁUDIA VILAS BOAS SANTOS

Anexo 2

Observação das crianças nas áreas – dia 7 de Junho de 2011

OBSERVAÇÃO DAS CRIANÇAS NAS ÁREAS

Jardim de Infância de Meio – Areosa

Sala: 3 anos

Ano Lectivo: 2010/2011

Data: 07/06/11/

Nome	Idade	Características da criança	Área predilecta	Área onde se encontra	Como explora a área?
Menina C	3 anos	- tímida -calma -não gosta de ser observada -discreta	- área do faz de conta (casinha)	-área do faz de conta (casinha)	A Menina C põe a mesa e serve a refeição ao “homem”. De seguida, acha que a toalha está mal passada, decide passá-la a ferro e volta a colocá-la na mesa. A Menina C pede ao Menino G que vista ao bebés com a roupa que ela escolheu para depois irem todos passear na cidade a pé.
Menino G	3 anos	-linguagem / vocabulário muito bem desenvolvida -calmo -despreocupado	- área da casinha (porque tem mais coisas e tem comida. «A comida é a minha coisa preferida!»)	- área do faz de conta (casinha)	O Menino G pergunta à “mulher” qual é o seu lugar na mesa e senta-se a comer. O Menino G não ajuda a “mulher” nas tarefas de casa e com as crianças. O Menino G acha que é muito difícil vestir os bebés e a Inês ajuda. Diz o Menino G: “Estamos a fazer um trabalho de equipa !”

Menino H	3 anos	<ul style="list-style-type: none"> - calmo - Calado -Discreto - nota-se pouco desenvolvimento cognitivo ou mal se percebe que existe 	- área do faz de conta (casinha)	- área de jogos e construções	<p>O Menino H está a maior parte do tempo a construir puzzles na área de jogos.</p> <p>Nesta actividade encontra-se sozinho e não fala.</p> <p>De seguida, quase no final, decide manipular plasticina com uma colega, a Menina E, e dizem que estão a fazer comida. Com a colega, estabelece um diálogo curto, acerca do trabalho que estão a fazer.</p>
Menina F	3 anos	<ul style="list-style-type: none"> - calma - discreta - correcta/justa 	- área da biblioteca	- área de jogos e construções	<p>Está todo o tempo na construção de puzzles, individualmente e não fala sozinha nem com os colegas. Está bastante concentrada no seu trabalho.</p>
Menina B	3 anos	<ul style="list-style-type: none"> - teimosa - desenvolvida no vocabulário - “mandona” 	<p>- área do faz de conta (casinha)</p> <p>e</p> <p>- área da biblioteca</p>	- área do faz de conta (casinha)	<p>A Menina B, enquanto brinca e explora a área da casinha, costuma levar os bebés à Biblioteca e conta histórias para eles. A Menina B apenas se preocupa com as crianças, deixando as tarefas da cozinha para o Menino E.</p> <p>Por fim, decide fazer um bolo. É muito teimosa.</p>

Menino E	3 anos	<ul style="list-style-type: none"> - calmo - obediente - discreto 	- área do faz de conta (casinha)	- área do faz de conta (casinha)	O Menino E serve cafés às estagiárias (adultos) e trata das tarefas da cozinha.
Menina G	3 anos	<ul style="list-style-type: none"> - extrovertida - energética - irrequieta 	- área de expressões (plasticina)	- área de expressões (plasticina)	<p>A Menina G gosta de explorar todas as actividades que desenvolvam a motricidade fina (a plasticina e a escrita).</p> <p>A Menina G manipula bem todos os objectos que servem de apoio às construções com a plasticina. Corta a plasticina com a faca e espalha-a rapidamente com o rolo.</p>
Menino A	3 anos	<ul style="list-style-type: none"> - irrequieto - inconformado com o que se lhe ordena - falador 	- área do computador	- área de jogos e construções	<p>O Menino A realiza construções bastante altas e associa-as a objectos e brinquedos do quotidiano.</p> <p>Contudo, preocupa-se em construir pistolas para brincar, ao mesmo tempo que reproduz o som.</p>

Menina E	3 anos	<ul style="list-style-type: none"> - faladora - extrovertida - irrequieta - vocabulário muito desenvolvido - “mandona” 	- área do faz de conta (casinha)	- Área de jogos e construções	<p>A Menina E manipula a plasticina e todos os objectos que fazem parte das construções.</p> <p>Preocupa-se em fazer construções de comidas: pizza, bolos, etc., com várias formas de cortar.</p>
Menino C	3 anos	<ul style="list-style-type: none"> - vocabulário pouco desenvolvido - calmo - falador - comunicativo 	- área dos jogos e construções (carrinhos)	- área dos jogos e construções (carrinhos)	<p>O Menino C explora a área dos carrinhos com mais dois colegas. Todos eles disputam quem tem o carro melhor e tentam provocar acidentes com os três carros.</p>
Menino F	3 anos	<ul style="list-style-type: none"> - tímido - linguagem e pensamento cognitivo bem desenvolvido - falador 	- área do faz de conta (casinha)	- área de jogos e construções	<p>O Menino F explora e manipula peças de encaixe. Preocupa-se bastante em construir carros, aquilo que é uma das coisas que mais gosta. Depois de construídos os materiais, brinca com eles e estabelece um diálogo e conversas com os colegas Menino C e Menino A.</p>

Menino D	3 anos	<ul style="list-style-type: none"> - extrovertido - bem desenvolvido na linguagem 	- área do faz de conta (casinha)	- área do faz de conta (casinha)	O Menino D serve cafés, enquanto que a Menina E trata das crianças com o avental vestido. De seguida, o Menino D preocupa-se em lavar a loiça (chávenas), que usou, de imediato.
Menino B	3 anos	<ul style="list-style-type: none"> - tímido - “sonso” - fala apenas quando solicitado (para os adultos) - fala e grita muito com os colegas 	- área do computador	- área do computador	O Menino B manipula muito bem o rato do computador e sabe seguir a seta no ecrã para o local que quer. Também domina muito bem todos os jogos e entende o que lhe é pedido.

ANA CLÁUDIA VILAS BOAS SANTOS

Anexo 3

Observação das crianças nas áreas – dia 9 de Junho de 2011

OBSERVAÇÃO DAS CRIANÇAS NAS ÁREAS

Jardim de Infância de Meio – Areosa

Sala: 3 anos

Ano Lectivo: 2010/11

Data: 09/06/2011/

Nome	Idade	Características da criança	Área predilecta	Área onde se encontra	Como explora a área?
Menino H	3 anos	- tímido - calmo - calado - discreto	- área do faz de conta (casinha)	- área do faz de conta (casinha)	O Menino H põe a mesa com o Menino D e preocupa-se com usar talheres para comer a refeição. O Menino H também tem a preocupação de alimentar as crianças.
Menina E	3 anos	- faladora - extrovertida - irrequieta - “mandona” - vocabulário muito desenvolvido	- área do faz de conta (casinha)	- área do faz de conta (casinha)	A Menina E cuida das crianças e dá “ordens” aos homens, dizendo que “Não! Tens de compreender.”. A Menina E gosta muito de falar ao telemóvel com a mãe, ao mesmo tempo que segura um bebé no colo. Na hora de arrumar, é a que sabe organizar melhor a área.

Menina F	3 anos	<ul style="list-style-type: none"> - calma - discreta - correcta/justa 	- área da biblioteca	- área da biblioteca	A Menina F explora os livros que são de construção e fala para si. Curiosamente, explora dois livros ao mesmo tempo.
Menino E	3 anos	<ul style="list-style-type: none"> - calmo - obediente - discreto 	- área do faz de conta (casinha)	- área de jogos e construções	O Menino E explora um jogo de encaixe, os “picos” e tenta explorar o jogo, sempre com um olhar atento sobre o que se passa nas outras áreas. Por fim, arruma o jogo com muito cuidado e sem requerer ajuda.
Menina C	3 anos	<ul style="list-style-type: none"> - tímida - calma - discreta - não gosta de ser observada 	- área do faz de conta (casinha)	- área dos disfarces	A Menina C adora vestir-se como os adultos e preocupa-se muito com a imagem. Adora usar batom, bijuterias e acessórios. É uma criança muito feminina.

Menina G	3 anos	<ul style="list-style-type: none"> - extrovertida - energética - irrequieta 	- área do faz de conta (casinha)	- área dos disfarces	<p>Tal como a Menina C, a Menina G é uma criança muito vaidosa. Gosta muito de vestir vestidos e saias, usar lenços, bijuterias, sapatos altos e pintar os lábios. Adora fazer barulho no chão com os saltos e tirar fotografias.</p>
----------	--------	--	----------------------------------	----------------------	---

ANA CLÁUDIA VILAS BOAS SANTOS

Anexo 4

Observação das crianças nas áreas – dia 14 de Junho de 2011

OBSERVAÇÃO DAS CRIANÇAS NAS ÁREAS

Jardim de Infância de Meio – Areosa

Sala: 3 anos

Ano Lectivo: 2010/11

Data: 14/06/11/

Nome	Idade	Características da criança	Área predilecta	Área onde se encontra	Como explora a área?
Menina D	3 anos	- calma - calada (só fala quando solicitada) - discreta - tímida	- área faz de conta (casinha)	- área de jogos e construções	A Menina D ajuda um colega (o Menino H) na construção de um puzzle. Ao longo da construção do jogo, os dois estabelecem um diálogo acerca de qual será a peça que falta. A Menina D, quando explora as áreas com os colegas, é mais comunicativa. De seguida, decide construir um puzzle sozinha.
Menina A	3 anos	- tímida - autónoma - calma - obediente	- área faz de conta (casinha)	- área faz de conta (casinha)	A Menina A entra na casinha quando está muito desarrumada pelos colegas anteriores e decide lavar a loiça e pô-la a secar em cima do tabuleiro. Na hora de arrumar, a Menina A é muito organizada e sabe colocar os objectos no local certo.

Menino A	3 anos	<ul style="list-style-type: none"> - irrequieto - inconformado com o que se lhe ordena - falador 	- área faz de conta (casinha)	- área faz de conta (casinha)	O Menino A partilha a área com a Menina F. Enquanto que a “mulher” cuida das crianças, o Menino A faz a refeição e procura os talheres necessários para colocar na mesa. Ambos partilham tarefas.
Menino B	3 anos	<ul style="list-style-type: none"> - tímido - “sonso” - fala apenas quando solicitado (para os adultos) - fala muito com os colegas 	- área do computador	- área do computador	O Menino B manipula bem os instrumentos do computador e sabe realizar quase todos os jogos. Para isso, é importante o som do computador, para indicar as tarefas que ele tem para construir o jogo. Hoje, o Menino B constrói um puzzle, sem ajuda dos adultos.

ANA CLÁUDIA VILAS BOAS SANTOS

Anexo 5

Observação das crianças nas áreas – dia 15 de Junho de 2011

OBSERVAÇÃO DAS CRIANÇAS NAS ÁREAS

Jardim de Infância de Meio – Areosa

Sala: 3 anos

Ano Lectivo: 2010/11

Data: 15/06/11/

Nome	Idade	Características da criança	Área predilecta	Área onde se encontra	Como explora a área?
Menina A	3 anos	<ul style="list-style-type: none">- tímida- autónoma- calma- obediente	- área faz de conta (casinha)	- área faz de conta (casinha)	<p>A Menina A partilha a área com mais três colegas (a Menina F, a Menina E e o Menino E).</p> <p>Todos se encontram sentados à mesa a tomar o pequeno-almoço e a comer bolo, pois o Menino E faz anos (faz de conta). Há uma colega que abandona a mesa dizendo que o pai lhe está a telefonar (Menina E). A Menina A também acaba por ir ao quarto vestir os bebés, com a Menina F.</p> <p>Por fim, cantam todos os parabéns e dão-lhe pessoalmente os parabéns. É uma festa de anos.</p>

Menina D	3 anos	<ul style="list-style-type: none"> - calma - calada (só fala quando solicitado e pouco) - discreta - tímida 	- área de jogos e construções	- área de jogos e construções	A Menina D continua a dedicar-se à construção de puzzles e, desta vez, com o apoio da Educadora. A Menina D é uma criança que sabe construir bem os puzzles e, apesar de ter faltado mais de duas semanas ao Jardim de Infância (motivo de doença), demonstra ter tido estímulos em casa, pois continua a realizar actividades com sucesso.
Menina B	3 anos	<ul style="list-style-type: none"> - teimosa - vocabulário desenvolvido - “mandona” - inconformada 	- área faz de conta (casinha) e - área da biblioteca	- área faz de conta (casinha)	A Menina B continua a explorar a área dedicando-se apenas aos bebés. Inclusive, passeia-os pelas restantes áreas da sala. De seguida, troca de bebé com uma colega (a Menina F). E acaba por deixar a área para trabalhar com a plasticina, com moldes.
Menino D	3 anos	<ul style="list-style-type: none"> - extrovertido - linguagem e vocabulário muito bem desenvolvidos - atento - um pouco teimoso 	- área de jogos e construções	- área de jogos e construções	O Menino D partilha o jogo com mais dois colegas (o Menino A e o Menino G) e todos se dedicam à construção de “pistolas”. Todos se deslocam pela sala, depois de construídas, para atirar por todo o lado. Depois de chamados à atenção, decidem construir pirâmides.

Menino G	3 anos	<ul style="list-style-type: none"> - linguagem e vocabulário muito bem desenvolvidos - calmo - despreocupado - inconformado - tem explicação para tudo 	- área do computador	- área de jogos e construções	<p>O Menino G é uma criança que vive muito os acontecimentos dos desenhos animados e preocupa-se em imitá-los na vida real. Nesta área, procura sempre construir os objectos que vê nos desenhos animados, como pistolas, gormitis, etc., e leva os colegas para as suas brincadeiras, até no recreio.</p>
----------	--------	---	----------------------	-------------------------------	--

ANA CLÁUDIA VILAS BOAS SANTOS

Anexo 6

Observação das crianças nas áreas – dia 16 de Junho de 2011

OBSERVAÇÃO DAS CRIANÇAS NAS ÁREAS

Jardim de Infância de Meio – Areosa

Sala: 3 anos

Ano Lectivo: 2010/2011

Data: 16/06/11/

Nome	Idade	Características da criança	Área predilecta	Área onde se encontra	Como explora a área?
Menino C	3 anos	- linguagem e vocabulário pouco desenvolvidos - calmo - falador - expressivo - comunicativo	- área de jogos e construções	- área de jogos e construções	O Menino C gosta muito do <i>Ruca</i> e da sua família, por isso, gosta muito de explorar o dominó do <i>Ruca</i> , e fá-lo com muito sucesso, sabe construí-lo muito bem. De seguida, o Menino C decide construir um puzzle.
Menino F	3 anos	- tímido - linguagem e pensamento cognitivo bem desenvolvidos - falador	- área do computador	- área de jogos e construções (carrinhos)	O Menino F, inicialmente, estava a explorar a área dos carrinhos, mas como gosta bastante do computador, acabou por ir observar um colega (o Menino G) a jogar no computador. Enquanto observa, o Menino F dá algumas dicas e estabelece um diálogo com o Menino G. Cansa-se de esperar e decide ir para a

					plasticina.
--	--	--	--	--	-------------

ANA CLÁUDIA VILAS BOAS SANTOS

Anexo 7

Tabela *Quem sou eu?*

Tabela Quem sou eu?

FOTOGRAFIA	COR DE OLHOS	COR DE CABELO	SEXO
[Redacted]	●	●	[Male]
[Redacted]	●	●	[Male]
[Redacted]	●	●	[Male]
[Redacted]	●	●	[Male]
[Redacted]			
ARISTÓTELES	●	●	[Male]
FRANCISCA			
APRILIA			
MARCELA	●	●	[Male]
DANIELA	●	●	[Male]
RENATO	●	●	[Male]
MARCELA	●	●	[Male]
BRENDA	●	●	[Male]
FRANCISCA			
INACIO	●	●	[Male]

Anexo 8

Puzzles da actividade *Eu conheço-me!*

Puzzles da actividade *Eu conheço-me!*

